

---

## Construção do Sujeito com Síndrome de *Down* em “Colegas”<sup>1</sup>

Daniela Priscila de Oliveira VERONEZI<sup>2</sup>  
Suely Henrique de Aquino GOMES<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

### RESUMO

Este artigo busca compreender o dispositivo de inclusão social a partir da análise do *trailer* do filme “Colegas”. Parte-se do arcabouço teórico-metodológico foucaultiano, com a noção de dispositivo, aliado à materialização dessa noção presente nos estudos de Deleuze (1996). Enquanto procedimento, o dispositivo constitui o método de análise do discurso adotado nesta pesquisa. Além da análise do discurso, apropria-se também da análise fílmica para o escrutínio dos dados, embasada nos estudos de Vanoye e Goliot-Lété (2006). Esses métodos, em associação, constituem o híbrido denominado análise do discurso fílmico. Como resultado, esta investigação possibilita o entendimento dos sentidos manifestos em “Colegas” enquanto elemento de enunciação do dispositivo de inclusão social das pessoas com síndrome de *Down*.

**PALAVRAS-CHAVE:** dispositivo; inclusão social; “Colegas”; síndrome de *Down*.

### 1 INTRODUÇÃO

O Brasil intensificou os esforços pela garantia dos direitos das pessoas com deficiência a partir da segunda metade do século XX, instigado pelo cenário internacional. Entre as conquistas mundiais que impulsionaram esse movimento, destaca-se a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), aprovada em 1948 na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), que estimulou um amplo e profundo debate sobre os direitos iguais e inalienáveis como fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo.

O trajeto percorrido internacionalmente reverberou na Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, originou, em 2006, a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo da Organização das Nações Unidas (ONU), promulgada, no Brasil, pelo Decreto 6.949, de 25 de agosto de 2009, com prerrogativa de emenda constitucional, e inspirou a instituição, em 2015, da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 4 - Comunicação Audiovisual do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2019.

<sup>2</sup> Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: danielaveronezi@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da Informação pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFG. E-mail: suelyhenriquemgomes@gmail.com.

---

Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência.

Assim, a inclusão passou a compor o cenário social, ainda que de modo incipiente, e, gradualmente, começaram a surgir produções culturais, em especial no cinema e na televisão, que abordam a deficiência. Nessa perspectiva, este artigo apresenta, como objeto de estudo, o *trailer* de “Colegas”, cujo filme foi apresentado na ONU como referência no discurso acerca da inclusão social. Para a escrutinação dos dados, optou-se pelo método de análise do discurso, presente nos estudos foucaultianos, materializados por Deleuze (1996), sobre a noção de dispositivo, e pela análise fílmica, defendida por Vanoye e Goliot-Leté (2006), que desconstrói as sequências da trama para, posteriormente, reconstruí-las, resultando no híbrido denominado de análise do discurso fílmico.

## 2 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

A história das leis ou acordos que garantem direitos básicos aos sujeitos é muito mais antiga que a DUDH. No entanto, a principal diferença dessa Declaração para as anteriores é que, diante do cenário de enorme destruição e das memórias das atrocidades da Segunda Guerra Mundial, o seu conteúdo tem uma pretensão expressamente universal e esse é um ponto de vital importância no contexto de pós-guerra em que a xenofobia havia sido transformada em norma jurídica pelo regime nazista.

Apesar de não possuir caráter legalmente obrigatório, a DUDH passou a ser o ponto de referência para a criação de leis nos países que se identificam como democracias legitimadas e, somado a isso, uma série de tratados de direitos humanos expandiram o corpo do direito internacional, entre os quais está a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, que se configura como o único tratado internacional de direitos humanos aprovado com *status* de emenda constitucional no Brasil.

Os sujeitos com deficiência já foram tratados como “inválidos”, “incapazes”, “aleijados”, “defeituosos”, “pessoas deficientes” e “pessoas portadoras de deficiência”. Pautada pelo modelo social, em contraposição ao modelo médico, a expressão adotada pela Convenção da ONU é “pessoa com deficiência”. Segundo Bampi *et al.* (2010), o modelo médico considera que a deficiência deve ser combatida com tratamentos na área da saúde. Já o modelo social, que surgiu na década de 1960, no Reino Unido, transformou

---

os paradigmas tradicionais de compreensão do tema, ao atribuir à sociedade a origem da desigualdade e não aos sujeitos com deficiência.

Com vistas à importância das rupturas e da formulação de novos processos de identificação das pessoas com deficiência, a Convenção da ONU, em seu artigo 8º, trata especificamente da importância da conscientização como estratégia de rompimento das barreiras comunicacionais que dificultam a ação. Nesse contexto, os veículos de comunicação, entre eles o cinema, ocupam uma posição de destaque, devido ao papel que desempenham na constituição do imaginário social.

O que se almeja com essa Convenção é que as pessoas com deficiência sejam, em essência, tratadas como sujeitos singulares e protagonistas de suas vidas, que lutam por seus direitos, pela igualdade de oportunidades e pela efetiva inclusão social, pois a deficiência é apenas mais uma característica da condição humana. Desse modo, as novelas, as propagandas, os filmes disseminam mensagens que ultrapassam a camada rasa dos sujeitos, que os entretém, e, gradativamente, contribuem com a construção de novos processos de subjetivação, com o intuito de incentivar a inclusão e de dirimir os preconceitos, os estigmas e os estereótipos arraigados na sociedade.

Partindo de uma abordagem ampla de busca pela igualdade, para um recorte centrado nas pessoas com deficiência, Piovesan (2013) apresenta as concepções acerca desses sujeitos em quatro fases: intolerância - a deficiência representa a impureza e o castigo divino; invisibilidade - tanto a deficiência relativa quanto a absoluta é tida como algo natural; assistencialismo - sustentado nos conceitos médicos e biológicos de que a deficiência é uma doença e, como tal, deve ser curada, sendo o foco centrado no sujeito, portador da enfermidade; e inclusão - trata da relação entre a pessoa com deficiência e o meio no qual ela está inserida, bem como da necessidade de eliminar as barreiras culturais, físicas ou sociais existentes na sociedade que impossibilitem o pleno exercício dos direitos humanos.

O processo de subjetivação é uma construção mutável e inacabada, que adquire sentido pela linguagem e pelos sistemas simbólicos por meio dos quais são apresentados e “[...] os meios de comunicação têm uma dimensão simbólica irreduzível: eles se relacionam com a produção, o armazenamento e a circulação de materiais que são significativos para os indivíduos que os produzem e os recebem” (THOMPSON, 1998, p. 19). Nesta pesquisa, o foco se encontra nas condições de emergência e de existência de

---

discursos sobre os sujeitos com deficiência no cinema, em especial sobre os com síndrome de *Down*, devido à sintonia dos filmes com as práticas discursivas de seu tempo.

Além disso, “[...] é também importante enfatizar que a comunicação mediada foi sempre um fenômeno social contextualizado: é sempre implantada em contextos sociais que se estruturam de diversas maneiras e que, por sua vez, produzem impactos na comunicação que ocorre” (THOMPSON, 1998, p. 20). Coadunando com Thompson (1998), pode-se dizer que “Colegas” é fruto do momento histórico em que está inserido, que tem a inclusão social como premissa.

### 3 NOÇÃO DE DISPOSITIVO

Os meios de comunicação possuem um amplo poder de dar visibilidade a temas de interesse, na medida em que são capazes de abrir espaço para a deliberação pública, para a exposição de assuntos controversos e para diferentes interpretações sobre os fatos, aumentando a possibilidade de acesso ao debate social. Nessa perspectiva, trazer para o âmbito desta pesquisa a noção de dispositivo empregada por Foucault (2015) e trabalhá-la a partir da rede que envolve a inclusão social das pessoas com síndrome de *Down* não impõe a “Colegas” a responsabilidade de representação fiel da realidade, já que o universo diegético da trama e o universo real dos espectadores não se confundem, mas permite analisá-lo como um elemento de enunciação discursiva que emergiu na contemporaneidade porque não tinha espaço em sociedades passadas.

Para que se possa entender a noção de dispositivo empregada por Foucault (2015), faz-se necessário vislumbrar seus estudos de um modo geral para compreendê-los em toda a sua dimensão. Com foco na compreensão globalizante dos estudos foucaultianos, para clarificar a noção de dispositivo, que surgiu em sua obra na passagem da fase arqueológica para a genealógica, parte-se da primeira fase de seus estudos, na qual a arqueologia é entendida como procedimento, que significa pensá-la como o modo de lidar com os discursos. Foucault (2008) concebe a arqueologia como a arte de cavar e essa maneira de buscar apreender como os elementos se constituem é que constrói os sujeitos. Assim, o procedimento possibilita compreender como o fazer constrói o ser, que não está pronto e se constitui nesse fazer.

Já na fase genealógica, os estudos foucaultianos não almejam alcançar a gênese, ou seja, a origem das relações de saber-poder que constituem certo elemento, mas resgatar

os acontecimentos de dado momento que tornam possíveis apreender as verdades que se cristalizaram e as que foram relegadas no processo histórico. Assim, a fase arqueológica e a fase genealógica estão intimamente ligadas, já que a partir da primeira exercita-se o procedimento de cavar as camadas sociais em busca dos saberes cristalizados em determinado momento histórico e, na segunda, essa escavação não almeja a origem dos processos, mas sim vislumbrar as fissuras, as relações de poder que resultaram nos parâmetros sociais tidos como verdadeiros.

Imbricada nos estudos foucaultianos, esta investigação almeja buscar caminhos, experimentar e encontrar elementos que ajudem a compreender a inclusão das pessoas com *Down*, já que “não se pode ler Foucault sem fazer em seus confrontos aquilo que ele mesmo fez com uma constância impressionante: apostas intelectuais” (COURTINE, 2013, p. 7). A aposta intelectual dos estudos empreendidos é a de que o sujeito com síndrome de *Down* é construído em “Colegas” com base no momento histórico em que foi produzido, que tem como premissa o dispositivo de inclusão social.

Nessa perspectiva, o acontecimento histórico a partir do qual esta pesquisa se propõe a compreender o dispositivo de inclusão social e analisar as enunciações presentes em “Colegas” é a DUDH, de 1948, que paulatinamente irradiou seus pressupostos para a sociedade global e, por consequência, para a brasileira. Fatos que emergiram da Declaração e reverberam na contemporaneidade estão sendo escavados para buscar a apreensão desses acontecimentos. Para Foucault (2015) dispositivo é:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 2015, p. 364).

Para Deleuze (1996), Foucault, ao conceber a noção de dispositivo, acreditava na existência de linhas de sedimentação, mas também de linhas flexíveis, maleáveis, que em dados momentos se aproximam, em outros se afastam e esses movimentos podem ocasionar fissuras, fraturas. Essa dinâmica das linhas reconfigura os saberes, os poderes, as subjetividades, os sujeitos, os discursos e as verdades. Dito de outro modo, o dispositivo é uma noção que busca abranger as múltiplas relações de poder e de seu exercício nos diversos domínios da realidade social. Embora o conceito de dispositivo

não tenha sido explorado por Foucault, o seu entendimento é decisivo para a percepção das dinâmicas sociais que regem a contemporaneidade.

Para Deleuze (1996), cada dispositivo tem um regime de luz específico que define o que é visível ou invisível e apenas a luz possibilita a visibilidade, ou seja, são as “máquinas de fazer ver”. As curvas de enunciação compõem a dimensão dos “ditos”, dos enunciados, isto é, são as “máquinas de fazer falar”. Já as linhas de força (poder-saber) estão em exercício no dispositivo e atravessam as curvas de enunciação e de visibilidade e tangenciam as palavras e as coisas. Por fim, as linhas de subjetivação consistem em um sistema de individuação que escapam às forças estabelecidas e aos saberes constituídos, sendo os sujeitos construídos a partir dos discursos e das práticas sociais do dispositivo presente em determinado momento histórico.

Salienta-se, ainda, que os dispositivos não são estanques, ao contrário, circulam, e que os discursos que surgem das relações entre os sujeitos produzem novos regimes de verdade em dados momentos históricos, convertendo-se em novos dispositivos. Como o dispositivo perpassa todas as palavras e as coisas e constitui uma rede de conexão com diferentes formações discursivas, é necessário entender em que ele consiste e como se relaciona com a construção do sujeito com síndrome de *Down* em “Colegas”.

#### 4 RECONSTRUÇÃO DO TRAILER DE “COLEGAS”<sup>4</sup>

“Colegas” apresenta a história de três jovens com síndrome de *Down* - Stalone, Márcio e Aninha - que fugiram do instituto em que viviam em busca da concretização de seus sonhos. No trajeto, envolveram-se em diversas aventuras que conferem à comédia uma forma divertida de tratar o cotidiano. Após roubarem o carro do senhor Arlindo (jardineiro), Aninha, Márcio e Stalone decidem viajar em busca de seus sonhos (plano 3). Durante o trajeto, eles praticam assaltos, com armas de brinquedo, para conseguirem seguir viagem (plano 7) e acabam se tornando bandidos procurados pela polícia e considerados de alta periculosidade (plano 9).

Esses trechos evidenciam o sujeito transgressor, que rompe as regras sociais. Por meio da transgressão de regras, aliado à comédia, gênero que rege a trama, “Colegas” transcende a imagem do *Down* como pessoa dócil, inocente e coitadinha. Nessa categoria,

---

<sup>4</sup> A decomposição das sequências do *trailer* está em anexo.

ficam nítidas as fissuras e as fraturas que rompem com as linhas de sedimentação, conforme Deleuze (1996), ao tratar da noção de dispositivo a partir dos estudos foucaultianos. Trata-se de “ditos” e de “não ditos” que buscam romper com os padrões arraigados nos sistemas sociais, ou seja, as linhas de força movimentam os elementos do dispositivo e rompem as barreiras, possibilitando o surgimento de um novo dispositivo, próprio deste momento histórico, denominado de inclusão social.

Com a análise do *trailer* de “Colegas” é possível vislumbrar planos que demonstram que os sujeitos com *Down* são afetivos e aptos a conviverem em sociedade como, por exemplo, na interação no ambiente circense (plano 2), onde eles proferem o grito de guerra “um por todos e todos por um” e na cena romântica entre Aninha e Stalone (plano 15). Essa categoria, embora endosse aquilo que as pessoas acreditam em relação aos sujeitos com síndrome de *Down*, também demonstra que eles são capazes de se relacionarem com outros e não precisam viver enclausurados e escondidos, como se acreditava em tempos anteriores, quando a própria família os tirava do convívio social por serem “diferentes” ou “anormais”.

A motivação de Aninha, Márcio e Stalone em realizarem os seus sonhos está atrelada a lembranças do passado que demonstram o lado afetivo desses sujeitos, coadunando com o já mencionado. Em consonância com a afetividade, também se salienta, nesse contexto, o sujeito desejanste, que se pode observar no *trailer*, principalmente, na troca de carícias entre Aninha e Stalone (plano 15), mas também quando Márcio “passa uma cantada” em uma senhora com a qual está sentado ao redor da mesa (plano 16). Assim como os demais sujeitos sociais, as pessoas com *Down* também namoram e sentem interesse e desejo por outras. Aninha, durante todo o filme, sonhava em se casar, como se evidenciou no *trailer* a partir do momento em que ela expressou o seu desejo (plano 4).

“Colegas” é uma comédia. Desse modo, o lúdico permeia a trama constantemente, em maior ou menor grau. Como exemplo, cita-se o uso de máscara para assaltar a loja de conveniência (plano 7). Também se observa a ludicidade no momento em que Márcio interage com a senhora à mesa e diz “não tem problema, eu gosto de gorda” (esse trecho demonstra também que ser diferente é normal, ao passo que ela sugere que há uma diferença entre eles, referindo-se, implicitamente, à deficiência e ele, por sua vez, inverte o preconceito dela, ao rebater que não se importa com a diferença entre ambos, pois o fato de ela ser gorda não o incomoda) (plano 16). A ludicidade também está presente no

uso de fantasias circenses durante a viagem (plano 1 e 14) e outro exemplo é, ao final do *trailer*, quando Márcio faz piada com o vendedor de uma conveniência dizendo: “narigão, peitinho” deixando-o constrangido e sem compreender o que estava ocorrendo (plano 18).

Além das categorias já mencionadas, também se apresenta, nesta análise, a do sujeito independente, apto a viver aventuras como os demais sujeitos sociais. Como exemplo, cita-se Stalone dirigindo o carro do senhor Arlindo em busca de seus sonhos, juntamente com Aninha e Márcio (plano 1 e 14). Também se pode verificar tal categoria no plano que mostra Márcio seguindo viagem em um ônibus, com outros passageiros (plano 13). A independência, em sentido mais amplo, refere-se à trama de um modo geral, já que os três jovens viviam em um instituto para pessoas com síndrome de *Down* e, a partir do momento em que deixaram o local no qual residiam, passaram a viver de modo independente, em busca de seus sonhos.

Partindo desse pressuposto, vale destacar que apesar de o filme não ser um espelho da realidade, “Colegas” surgiu em um momento histórico no qual a sociedade está apta a refletir e agir em prol da inclusão social, ainda que de modo inicial. Trata-se da verdade deste momento histórico, que não estava cristalizada em outros momentos, como apontam os estudos foucaultianos. Por isso, a DUDH passou a ser vislumbrada como irradiadora de um novo dispositivo que começou a se constituir e que não está pronto, mas em constante evolução. No entanto, como a mudança cultural gera efeitos de longo prazo, cerca de 60 anos foram necessários para que dela derivasse um documento como a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, no qual novos discursos foram construídos e os antigos, ressignificados.

É preciso romper com os regimes de verdade (calcados no preconceito e na discriminação) e atender a uma urgência histórica (FOUCAULT, 2015), necessária para o próprio funcionamento e manutenção do sistema social, já que, só no Brasil, 23,9% da população tem algum tipo de deficiência, sendo que, desse total, 1,4%, tem deficiência intelectual e, dessas, 0,16% tem síndrome de *Down*. Esses números revelam que esse grupo, de um modo amplo, é muito expressivo para ser relegado à inatividade, até porque a expectativa de vida das pessoas com deficiência, sobretudo as com síndrome de *Down*, cresceu exponencialmente, saltando dos 25, 30 anos para 60, 65 anos (MUSTACCHI, 2012, informação verbal).

Ao tratar, ainda que brevemente, do momento histórico que circunda o espaço de produção de “Colegas”, busca-se em Foucault (2015) os “ditos” e os “não ditos” do



dispositivo de inclusão social e, também, as curvas de visibilidade e de enunciação e as linhas de força e de subjetivação que compõem esse dispositivo, conforme destaca Deleuze (1996). Para trilhar esse caminho, parte-se das curvas de visibilidade, irradiadas a partir da DUDH, principalmente entre os países signatários dessa Declaração, como é o caso do Brasil. Salienta-se que a DUDH não aborda, de modo direto, o tema deficiência, mas sim a igualdade de um modo geral.

Conforme preconiza Sasaki (2010), na década de 1980, os movimentos em prol das pessoas com deficiência se fortaleceram e exerceram grande influência sobre o texto da Constituição Federal, de 1988, conhecida como cidadã. No entanto, foi a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo que impulsionou, vertiginosamente, as curvas de visibilidade e de enunciação do dispositivo de inclusão social, fortalecendo os “ditos” e os “não ditos” já existentes em prol da causa e, principalmente, criando novos, como, por exemplo, o Estatuto da Pessoa com Deficiência, de 2015.

Os elementos que compõem o dispositivo de inclusão social surgem na sociedade ao passo que as linhas de força, conforme esclarece Deleuze (1996), tensionam os estereótipos, os estigmas e os preconceitos historicamente enraizados na sociedade que, ao longo do tempo, omitiam as pessoas com *Down* do convívio social. Vale destacar que a síndrome de *Down*, como ocorre também com outras deficiências intelectuais, desequilibra ainda mais os sistemas sociais, pois evidencia, de modo ainda mais contundente, a fragilidade desses sistemas não apenas em relação a esses sujeitos, mas com toda a sociedade. No entanto, paulatinamente, as mudanças se fazem presentes.

Nessa direção, é importante destacar que o patrocínio para a materialização do projeto do filme “Colegas” foi surgindo ao longo dos anos subsequentes à criação do roteiro, em 2005, quando o discurso da valorização das pessoas com deficiência, entre elas as com síndrome de *Down*, passou a ganhar força nos meios sociais, principalmente com o advento da Convenção da ONU, já que o filme foi patrocinado por empresas que também buscam produções com potencial de retorno à sua imagem institucional. Tanto é verdade essa imbricação entre a trama e a realidade que, em 2013, “Colegas” foi apresentado na ONU como exemplo de prática inclusiva.

Faz-se necessário ainda notar as linhas de subjetividade presentes no dispositivo de inclusão social e que podem ser observadas no universo diegético de “Colegas”, já que os sujeitos se constituem a partir das interações com outros membros da sociedade, como

apontam os estudos foucaultianos. Nota-se, ainda que brevemente no *trailer*, que Stalone é o líder, Aninha é mais romântica e Márcio é mais cômico, entre outras características que os definem. Desse modo, pode-se dizer que as subjetividades, calcadas nas interações, constituem os sujeitos.

Ao se investigar o espaço de produção, busca-se compreender a concepção de “Colegas” a partir do momento histórico em que foi concebido, que tem como premissa a inclusão social, presente nos discursos governamentais, legislativos, das instituições que trabalham em favor da causa desses sujeitos, entre outros. Salienta-se que a diegese da trama não é a mesma do contexto histórico que circunda o espaço de produção, mas a busca pela realidade não é o que se aspira com esta pesquisa e sim a influência que o ambiente externo exerce na concepção de uma trama que não foi concebida em outro momento histórico porque não cabia no âmbito de realidades sociais anteriores, que escondiam as pessoas com síndrome de *Down* do convívio social.

## 5 CONSIDERAÇÕES

Com base nos estudos do *trailer* do filme “Colegas”, não se almejam encontrar respostas conclusivas, ao passo que a inclusão social é um campo em franco desenvolvimento, em constante construção. O mais relevante é refletir sobre o momento que a sociedade está vivenciando em relação às pessoas com deficiência, em especial com síndrome de *Down*. Ao mesmo tempo em que ainda se notam diversas barreiras, como as comportamentais, as atitudinais, as comunicacionais e as de acessibilidade, também se notam mudanças nas produções subjetivas.

Sabe-se que, na prática, as pessoas com *Down* ainda são vítimas de preconceitos e discriminações, que as escolas não estão adequadas para recebê-las, que as pesquisas na área de saúde não contam com investimentos para esses sujeitos, que os locais de trabalho estão aquém de suas necessidades de desenvolvimento, além de muitos outros problemas enfrentados no dia a dia. De todo modo, plenamente conscientes da realidade, ainda assim, considera-se um saldo positivo em relação às conquistas empreendidas ao longo da história e “Colegas” é uma prova disso.

Destaca-se que o processo de mudança exige um caminho de lutas e de conquistas graduais e é esse caminho que os sujeitos com *Down* estão buscando percorrer. Nesse contexto, é imprescindível que a sociedade, cada vez mais, assuma uma postura

propositiva e busque, continuamente, intervir em prol da constituição de práticas cidadãs, estabelecendo novas produções subjetivas que fortaleçam os discursos contra-hegemônicos e ressignifiquem as construções sociais com respeito à diversidade.

## REFERÊNCIAS

BAMPI, L.; GUILHEM, D.; ALVES, E. Modelo Social: uma nova abordagem para o tema deficiência. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 1-9, jul./ago. 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 03 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 6.949 de 2009**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm)>. Acesso em: 5 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.146 de 2015**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm)>. Acesso em: 5 abr. 2019.

COURTINE, J. J. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos. ONU, 1948. Disponível em: <[https://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_10133.htm](https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm)>. Acesso em: 02 abr. 2019.

DELEUZE, G. **O que é um dispositivo**. 1996. Disponível em: <[http://www.uc.pt/iii/ceis20/conceitos\\_dispositivos/programa/deleuze\\_dispositivo](http://www.uc.pt/iii/ceis20/conceitos_dispositivos/programa/deleuze_dispositivo)>. Acesso em: 01 abr. 2019.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. 7. ed. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. 2. ed. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

MUSTACCHI, Z. **Zan Mustacchi fala sobre Síndrome de Down no site de Drauzio Varella**. 2012. Disponível em: <<https://drauziovarella.com.br/entrevistas-2/sindrome-de-down-2/>>. Acesso em: 06 abr. 2019.

PIOVESAN, F. **Direitos Humanos e o Direito Constitucional Internacional**. 14. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2013.




SASSAKI, R. K. Brasília: **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil**. Entrevista concedida a LAINA JÚNIOR, M. C. M., 2010.

THOMPSON, John B. Comunicação e contexto social. In: \_\_\_\_\_. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 19-46.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ. **Ensaio sobre análise fílmica**. 4. ed. Campinas - SP: Papyrus, 2006.

YOUTUBE. **Colegas - Trailer Oficial**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=olRt1b2puGc>>. Acesso em: 06 abr. 2019.

**ANEXO - DECOMPOSIÇÃO DA SEQUÊNCIA DO TRAILER DE “COLEGAS”<sup>5</sup>**

	<p>Plano 1 - fechado          Locutor - Stalone, Márcio e Aninha. Três amigos inseparáveis.</p>
	<p>Plano 2 - aberto          Stalone, Márcio e Aninha - Um por todos e todos por um.</p>
	<p>Plano 3 - médio          Locutor - Resolveram fugir do instituto onde viviam em busca dos seus sonhos.</p>

<sup>5</sup> Por limitação de espaço, não foram apresentados todos os planos presentes no *trailer*, mas os 18 selecionados são suficientes para que se possa compreender a mensagem transmitida.

	<p>Plano 4 - aberto</p> <p>Aninha - Eu quero casar.</p> <p>Stalone - Eu quero ver o mar.</p> <p>Márcio - Eu quero voar.</p>
	<p>Plano 5 - aberto</p> <p>Esmeralda - Stalone!!</p> <p>Trilha sonora: “Sociedade Alternativa” - Raul Seixas</p>
	<p>Plano 6 - aberto</p> <p>Locutor - E eles acabaram encontrando a maior aventura de suas vidas.</p> <p>Trilha sonora: “Sociedade Alternativa” - Raul Seixas</p>
	<p>Plano 7 - médio</p> <p>Márcio - Como que a gente vai comer? A gente não tem dinheiro.</p> <p>Stalone - Everybody go.</p> <p>Locutor - This is a robbery.</p>
	<p>Plano 8 - médio</p> <p>Policial - Quem assalta loja de conveniência armado é o que?</p> <p>Esmeralda - Estamos falando de três jovens com síndrome de <i>Down</i>.</p>

	<p>Plano 9 - fechado</p> <p>Locutor - Em menos de 24h, eles já estavam famosos em todo o país.</p> <p>Sr. Arlindo - O que eles estão fazendo?</p>
	<p>Plano 10 - fechado</p> <p>Repórter - Como o Senhor explica eles usarem frases de filme para assaltar os estabelecimentos?</p> <p>Sr. Arlindo - eles veem muitos filmes.</p>
	<p>Plano 11 - médio</p> <p>Policial - Você sabe onde eles foram ou não?</p>
	<p>Plano 12 - médio</p> <p>Jovem do Instituto 1 - Japão.</p> <p>Jovem do Instituto 2 - Para a Selva.</p> <p>Jovem do Instituto 3 - Foi...</p>
	<p>Plano 13 - médio</p> <p>Márcio - Eu sou normal.</p>

	<p>Plano 14 - médio</p> <p>Locutor - Colegas, embarque nessa divertida e emocionante viagem [...] e veja o mundo com outros olhos.</p>
	<p>Plano 15 - fechado</p> <p>Stalone - eu vou te fazer a mulher mais feliz do mundo.</p>
	<p>Plano 16 - médio</p> <p>Atriz coadjuvante - Você não percebe que a gente é diferente?</p> <p>Márcio - Não tem problema, eu gosto de gorda.</p>
	<p>Plano 17 - aberto</p> <p>Locutor - Colegas, em breve nos cinemas.</p>
	<p>Plano 18 - médio</p> <p>Márcio - Narigão, Peitinho.</p>

Fonte: elaborado pela autora (2019) com base no *trailer* do filme “Colegas”.